

GUERRA DE NARRATIVAS RUSSO-UCRANIANA: REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO MIDIÁTICO

RUSSIAN-UKRAINIAN NARRATIVE WAR: REFLECTIONS ON MEDIA LITERACY

GUERRA NARRATIVA RUSO-UCRANIANA: REFLEXIONES SOBRE LA ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior¹

ivan_junior_neo@hotmail.com

Eliane Aparecida Galvão dos Santos²

elianeagalvao1@gmail.com

Valéria lensen Bortoluzzi³

valeria.bortoluzzi@gmail.com

Taís Steffenello Ghisleni⁴

taisghisleni@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo aborda a guerra de narrativas travada entre Rússia e Ucrânia no conflito bélico iniciado em 24 de fevereiro de 2022, assim, buscou-se responder a seguinte questão: Quais as reais intenções dos russos e ucranianos em promover uma guerra de (des)informação nas mídias sociais? O objetivo é refletir sobre o papel das mídias na guerra de narrativa promovida por russos e ucranianos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, por meio de uma coleta de dados em artigos científicos e materiais jornalísticos publicados na internet. Os resultados apontam para uma construção de versões para justificar o uso da força e a legitimidade das ações militares por parte dos países envolvidos. Nesse panorama, urge a necessidade do

¹ Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

² Doutora. Professora do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

³ Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

⁴ Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

letramento midiático da população para despertar a consciência crítica no uso das mídias.

Palavras-chave: Desinformação. Educação para as mídias. Guerra de informação. Letramento midiático.

ABSTRACT

The article addresses the narrative of wars fought between Russia and Ukraine in the war that began on February 24, 2022, thus, it sought to answer the following question: What are the real intentions of the Russians and Ukrainians to promote a (dis)information war on the social networks? The objective is to reflect on the role of the media in the Russian and Ukrainian war. Bibliographic research with a qualitative approach was carried out, through a collection of scientific data and journalistic materials in articles published on the internet. The results point to the construction of versions to justify the use of force and military actions by the countries involved. In this scenario, there is an urgent need for media literacy of the population to awaken critical awareness in the use of media.

Key words: Misinformation. Media education. Information war.

RESUMEN

El artículo aborda la narrativa de las guerras libradas entre Rusia y Ucrania en la guerra iniciada el 24 de febrero de 2022, por lo que busca responder a la siguiente pregunta: ¿Cuáles son las verdaderas intenciones de los rusos y ucranianos al promover una (des)información guerra en las redes sociales? El objetivo es reflexionar sobre el papel de los medios de comunicación en la guerra entre Rusia y Ucrania. Se realizó una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, a través de una recopilación de datos científicos y materiales periodísticos en artículos publicados en internet. Los resultados apuntan a una construcción de versiones para justificar el uso de la fuerza y las acciones militares por parte de los países involucrados. En este escenario, urge la alfabetización mediática de la población para despertar la conciencia crítica en el uso de los medios.

Palabras clave: Desinformación. Educación en medios. Guerra de información.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2022 iniciou com um aumento na escala da crise diplomática entre Ucrânia e Rússia. A Ucrânia é o segundo maior país em extensão territorial da Europa e foi uma das repúblicas integrantes da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em 24 de agosto de 1991, a Ucrânia tornou-se uma nação independente e iniciou um processo de estreitamento de laços com as potências ocidentais. Desde então, a nação ucraniana tenta controlar seu destino, sempre à sombra de seu maior e mais poderoso vizinho (a Rússia).

Desde a anexação da península da Crimeia, em 2014 e com o separatismo nas províncias do leste, a Ucrânia tem apresentado anseios de aderir à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a aliança militar ocidental. A adesão da Ucrânia à OTAN seria um grande golpe para a Rússia, que tem mantido seu domínio sobre o país desde a anexação da Crimeia, pois essa adesão aumentaria a presença da aliança militar ocidental nas suas fronteiras.

No final de 2021, a comunidade internacional constatou uma intensificação no movimento de tropas russas em direção à fronteira ucraniana, levantando suspeitas de uma mobilização militar. Isso só veio a se concretizar em 24 de fevereiro de 2022, quando as tropas russas iniciaram seu avanço na direção oeste, para tomar parte do território ucraniano (Guitarrara, 2022).

A partir desse movimento, passou-se a questionar as reais intenções do presidente russo (Vladimir Putin) em relação à Ucrânia. Viu-se uma tentativa de construção de narrativas retratando a Rússia como protetora dos grupos étnicos de origem russa em território ucraniano. O uso da força, portanto, seria um modo legítimo de “defender” essa população das supostas atrocidades cometidas pelo governo ucraniano.

O conflito bélico entre países transmutou-se para o ciberespaço⁵, por meio de uma guerra de informação, construção de narrativas, desinformação e disseminação de notícias falsas (fake news). Segundo Ferrari, Ochs e Machado (2020, p.43) fake news “diz respeito a conteúdos propositalmente falsos, ou seja, que foram criados com

⁵ O ciberespaço é definido por Lévy (1999) como um espaço que interliga vários modelos comunicacionais reunidos na rede mundial de computadores.

intenção de enganar. Nesse panorama, partiu-se do seguinte questionamento para nortear este trabalho: O que russos e ucranianos ganham com a guerra de (des)informação promovida nas mídias sociais?

Assim, o objetivo geral da pesquisa é refletir sobre o papel das mídias na guerra de narrativa promovida por russos e ucranianos. Quantos aos objetivos específicos do trabalho, pretende-se: explicar a guerra de narrativas como uma tática para influenciar a opinião pública; justificar operações militares; e destacar o letramento midiático como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades crítico-reflexivas nos indivíduos.

O contexto atual é marcado pelo uso das plataformas digitais como ferramentas de disseminação de desinformação e manipulação do debate público. Isso tem ocorrido de diversas maneiras, como o aumento do uso de bots⁶ e perfis falsos para difundir conteúdo manipulado, o direcionamento de anúncios para perfis específicos com o objetivo de influenciar o posicionamento deles em relação a determinado tema, e o uso de algoritmos para controlar o que as pessoas veem na internet.

Nesse cenário, torna-se essencial compreender o conceito de *letramento midiático*, que se refere ao desenvolvimento de habilidades para acessar, analisar, avaliar, criar e participar de conteúdos midiáticos de forma crítica e ética. Segundo Ferrari, Ochs e Machado (2020), o letramento midiático vai além da simples capacidade de consumir informações; ele implica em compreender os processos de produção midiática, identificar intenções comunicativas e reconhecer práticas de desinformação. Trata-se de uma competência fundamental no enfrentamento dos desafios impostos pela sociedade da informação, sobretudo em contextos de guerra de narrativas e circulação massiva de desinformação nas plataformas digitais.

Segundo Ferrari, Ochs e Machado (2020, p. 9), letramento midiático consiste em “um conjunto de competências e habilidades que permite aos indivíduos acessarem, analisar, avaliar e criar conteúdo midiático de forma crítica e ética”. A falta de letramento midiático tem gerado diversos problemas, como o aprofundamento das divisões sociais, o aumento da polarização política e a erosão da confiança nas instituições. Do exposto, o presente trabalho visa contribuir para o entendimento da

⁶ Bots, uma abreviação de robots (robôs, em português), são softwares desenvolvidos para simular a ação humana de forma padronizada e repetida na internet.

conjuntura atual, na qual as plataformas digitais têm sido utilizadas como ferramentas de disseminação de desinformação e manipulação do debate público. É importante estar atento a esses problemas e buscar formas de combatê-los.

2 CONTEXTUALIZANDO O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

Em fevereiro de 2022, a Rússia avançou suas tropas em direção ao território da Ucrânia. De acordo com Guitarrara (2022), a escalada da crise diplomática entre esses dois países se iniciou no final de 2021, quando a Rússia deslocou tropas e aparatos militares para a fronteira ucraniana: veículos blindados, peças de artilharia, armamentos, munição, dentre outros. Isso foi interpretado como um sinal de invasão ao território ucraniano.

As tensões entre esses países remontam ao ano de 2014, por ocasião da anexação do território da Crimeia⁷, ocorrida após a deposição de Viktor Yanukovich (presidente ucraniano alinhado politicamente à Rússia). Esse acontecimento gerou uma crise política no ano de 2013 e conflagrou um conflito na porção leste do território ucraniano (na região de Donbass). Por consequência, surgiram grupos separatistas pró-Rússia na região que instituíram as Repúblicas Populares de Lugansk e Donetsk (áreas independentes, porém sem o reconhecimento do governo ucraniano e da comunidade internacional). Ambas as regiões separatistas contam com o apoio de Moscou.

Outra razão para a Rússia iniciar sua ofensiva militar foi a intenção ucraniana de fazer parte dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Caso isso se concretizasse, haveria uma maior influência dos países da OTAN no leste europeu, o que poderia minar a influência política russa na região.

A invasão da Ucrânia pelas Forças Armadas da Rússia em 2014 foi condenada pela comunidade internacional e resultou na imposição de sanções econômicas à Rússia pelos Estados Unidos e outros países. A Rússia também foi excluída do G8, um grupo de países que inclui os sete países mais ricos do mundo, como resultado da invasão. Em vários países, houve o congelamento de ativos de bancos russos, de oligarcas russos e de pessoas ligadas a Vladimir Putin. O rublo sofreu forte desvalorização cambial e o

⁷ Península ucraniana localizada no mar Negro, a sudeste do território ucraniano. Essa região possui uma estreita conexão histórica e cultural com a Rússia, o que pode ser percebido em certas características da região, como o idioma falado (russo) e a origem étnica de seus habitantes.

Banco Central da Rússia foi forçado a suspender negociações na Bolsa de Valores de Moscou (Galvani, 2022). A Rússia também enfrenta sanções diplomáticas, com muitos países retirando seus embaixadores do país.

Os bancos russos foram excluídos do sistema mundial de pagamentos “SWIFT”, o que fez a Rússia se isolar ainda mais no cenário econômico internacional. Algumas multinacionais também deixaram de operar em território russo como, por exemplo, Netflix, Spotify, McDonald 's, as petroleiras Exxon Mobil e Shell, dentre outras (Galvani, 2022).

Na conjuntura econômica, muitos países sentiram as consequências da guerra e sofreram com as interrupções no fornecimento de produtos, bens e serviços oferecidos por empresas russas e ucranianas. Aqui cabe um destaque para o fato da Ucrânia ser um grande país produtor e exportador de grãos e cereais, bem como, o fato de a Rússia ser o terceiro maior país produtor de gás natural e petróleo (Guitarrara, 2022). Esse panorama mostra a importância desses países no cenário econômico, principalmente na regulação dos preços dessas commodities à nível internacional.

Desde o início do conflito as economias de Ucrânia e Rússia sofreram grandes impactos. Mas vale destacar que o maior impacto econômico foi sentido pelo povo ucraniano, que teve que lidar com a queda do valor da moeda, aumento da inflação e redução da produção. Além disso, o conflito também teve um impacto negativo no crescimento econômico global, deteriorando canais de comércio e acesso de mercados. Essa consequência econômica afeta até mesmo os países que não estão em guerra (PUCRS, 2022).

Os problemas de segurança na Ucrânia têm afetado a economia global, uma vez que a Rússia é um importante exportador de petróleo e gás. O conflito entre a Ucrânia e a Rússia tem causado um aumento nos preços do petróleo e do gás, o que tem afetado negativamente a economia mundial. Além disso, o conflito também tem afetado o comércio mundial, uma vez que a Ucrânia é um importante parceiro comercial da Rússia. Viu-se protestos em vários países rechaçando a invasão, no entanto, diferentemente do que ocorreu em outras localidades, os protestos ocorridos em território russo foram respondidos pelo governo de Putin, com a realização de prisões de manifestantes e manobras para reprimir os centros de mídia.

2.1 A Ucrânia e sua importância estratégica para a Rússia

A Ucrânia é um país do leste europeu com uma área de 603.628 Km² e que faz fronteira com os seguintes países: Rússia, Moldávia, Bielorrússia, Polônia, Romênia, Hungria e Eslováquia. Além disso, o território ucraniano é banhado pelo Mar Negro (na porção sul) e pelo Mar de Azov (na porção sudeste) (Castro, 2018).

O território ucraniano já pertenceu à Rússia, antes de se tornar independente em 1991 (após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS). Para Guitarrara (2022), a relevância da Ucrânia para os russos abarca questões históricas e étnicas, já que historicamente ambos apresentam a mesma origem étnica e uma estreita relação cultural entre povos.

Ao analisar a Ucrânia sob o ponto de vista de sua posição geográfica, verifica-se que ela se apresenta como país-tampão entre Europa e Rússia, desse modo, a Ucrânia se encontra na zona de influência do Ocidente (principalmente dos países-membros da OTAN) e da Rússia. De acordo com o Marçal Paredes, como o governo de Putin pretende manter o status de influência nos países do leste europeu, uma eventual adesão ucraniana à OTAN seria vista como fato prejudicial à imagem russa na região, por passar a impressão de que os russos estariam politicamente enfraquecidos frente a OTAN (PUCRS, 2022).

Do ponto de vista militar, o território ucraniano é uma barreira física para o avanço de tropas ocidentais em direção à Rússia. Desse modo, a manutenção da Ucrânia na zona de influência russa é vista como estratégica para a manutenção de uma “zona de segurança”, proteção e defesa do espaço aéreo, frente a eventuais ataques da OTAN. Vale lembrar que a distância entre Kiev (capital ucraniana) e Moscou (capital russa) é cerca de 900 km, ou seja, trata-se de uma distância relativamente curta e suscetível a eventuais ataques de mísseis balísticos.

Do ponto de vista econômico, a Ucrânia tem uma relevância para a Rússia pelo fato de abrigar uma rede subterrânea de gasodutos, que são utilizados para a exportação de gás natural da Rússia para a Europa. Essa rede gera uma receita para a Ucrânia em torno de dois bilhões de dólares ao ano (Guitarrara, 2022).



Por tudo o que foi apontado, a Ucrânia é fundamental para a manutenção do equilíbrio de poder entre a Rússia e a OTAN. Não é por acaso que, ao se iniciar os ataques russos, a Ucrânia tenha recebido apoio internacional, tanto no âmbito político e econômico (pelas tentativas de isolamento político de Putin e sanções econômicas internacionais), quanto na área militar (com o envio de munições, armamentos, sistemas de defesa antiaéreos, drones, dentre outros).

2.2 A Rússia e a guerra de narrativas

Antes de iniciar os ataques ao território ucraniano, a Rússia reforçou seu poderio bélico por meio da mobilização de tropas e materiais de emprego militar próximo à fronteira oeste. Ocorre que as estratégias de Moscou não se restringiram somente ao campo militar. Além dos combates em solo, Putin trava uma guerra de narrativas para justificar a invasão junto à opinião pública.

Um dos aspectos do conflito é a guerra de versões promovida por ambos os contendores. A guerra de versões diz respeito aos modos de interpretar uma realidade, segundo uma determinada óptica, adequando-as a uma determinada narrativa dos acontecimentos. Por um lado, Putin acusa o governo ucraniano de genocídio contra cidadãos de origem étnica russa, que vivem nas regiões separatistas de Donetsk e Luhansk. Por outro lado, a Ucrânia acusa os russos de apoiar militarmente os separatistas de Donetsk, algo que a Rússia nega (G1, 2022).

A proliferação de *fake news* decorrente da guerra de narrativas, potencializa a indústria da desinformação, por meio da manipulação de dados voltados para atender objetivos políticos e justificar uma realidade. O problema é que o uso das tecnologias potencializa ainda mais o compartilhamento da desinformação que, por sua vez, pode ser usada como uma ferramenta de guerra (Barbosa, 2020).

A guerra de narrativas entre os dois países tem sido um problema crescente nos últimos anos, e isso tem potencializado a indústria da desinformação, que lucra com a criação e disseminação de *fake news*. Segundo o Ferrari, Ochs e Machado (2020, p.43), desinformação é um termo que serve “para nos referirmos a qualquer tipo de conteúdo falso, impreciso, tendencioso, distorcido ou fora de contexto, criado de forma intencional ou não”. A desinformação é um problema grave que afeta a capacidade de

as pessoas se informarem de forma correta e completa sobre o que está acontecendo ao seu redor.

A guerra de narrativas entre Ucrânia e Rússia tem sido um terreno fértil para a desinformação, pois cada país tem interesses políticos e militares em potencializar sua própria versão dos acontecimentos, isso tem criado um cenário em que é cada vez mais difícil para as pessoas se informarem de forma correta sobre o que está acontecendo na guerra.

A desinformação não só causa danos às pessoas que são enganadas pelas *fake news*, mas também afeta a capacidade do público em geral de compreender o que está acontecendo de forma correta. Vale destacar que a indústria da desinformação lucra com a criação e disseminação de *fake News*, e, portanto, essas notícias falsas são criadas com o objetivo de enganar o público e gerar lucro para os criadores.

A exploração das novas plataformas de mídia para a condução da guerra de informação (propaganda, desinformação, uso de notícias falsas, mídias sociais e meios de comunicação) é um dos aspectos mais marcantes da “guerra híbrida”⁸. Percebe-se, portanto, que a evolução dos meios de comunicação tem tornado cada vez mais eficaz o emprego da informação como uma arma.

Nesse contexto, a desinformação é uma ferramenta importante para moldar a percepção dos indivíduos e, no conflito russo-ucraniano, verifica-se que a Rússia está empregando operações de desinformação, para influenciar e moldar a percepção pública sobre suas ações, explorando as vulnerabilidades sociais existentes e minando a percepção de legitimidade do estado ucraniano.

3 ASPECTOS MEDOLÓGICOS

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, por meio de obtenção de dados em trabalhos científicos e em materiais jornalísticos publicados na internet acerca da guerra russo-ucraniana. A pesquisa bibliográfica propõe-se a resolver

⁸ “A guerra híbrida envolve o emprego não convencional de diversas capacidades, táticas e meios, buscando alcançar efeitos sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas do conflito. [...] A guerra híbrida conduzida por atores não estatais apresenta duas características marcantes: o elevado nível de sofisticação militar e a expansão do campo de batalha além do domínio meramente militar” (BARBOSA, 2020, p. 17).

um problema “por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” (Boccato, 2006, p. 266). Assim, procurou-se trazer autores relacionados à temática de estudo, a fim de possibilitar as reflexões acerca do uso das mídias sociais no conflito.

Primeiramente, realizou-se um levantamento dos trabalhos publicados por meio da plataforma Google Acadêmico, utilizando-se os descritores: "Guerra da Ucrânia" e "Guerra de narrativas". Os critérios de inclusão foram a relevância dos trabalhos publicados no ano de 2022. Como critérios de seleção, foram excluídos os artigos publicados em outro idioma que não fosse a Língua Portuguesa. Posteriormente, foram coletadas informações em matérias jornalísticas publicadas em portais de notícias que dispusessem de ferramentas de combate às notícias falsas, com a utilização de filtros de informação e checagem de dados.

4 A MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÕES E O PAPEL DAS MÍDIAS NO COMBATE À FAKE NEWS

Em vários momentos da história houve o questionamento quanto ao potencial de manipulação da mídia e sua capacidade de influenciar, moldar e direcionar a opinião pública sobre um assunto específico. Nesse panorama, não é raro os governos utilizarem as mídias para condicionar os indivíduos a interpretarem e a agir segundo um pensamento pré-determinado. Há casos em que o movimento é outro: impedir que os veículos da imprensa estrangeira tenham acesso ao mercado midiático local, evitando, dessa maneira, que a população tenha acesso às informações veiculadas fora de seu país.

Viu-se isso no conflito russo-ucraniano, quando Moscou aprovou uma lei para prender profissionais da imprensa que promovessem "desinformação" sobre a condução da "operação militar especial"⁹ na Ucrânia. A autoridade de comunicação russa bloqueou o acesso à plataforma da Meta (dona do Facebook) e ao Twitter no país (Galvani, 2022). Trata-se de um claro movimento russo de, através de poder do Estado,

⁹ A Rússia proibiu a mídia independente de qualificar o conflito russo-ucraniano como “guerra”. De acordo com a Folhapress (2022, p.1), “a agência reguladora de comunicações russa afirmou a 10 órgãos de imprensa que suas publicações seriam bloqueadas se continuassem a usar o termo guerra”. Essa é mais uma tentativa de Putin de asfixiar a imprensa independente e impor a “visão oficial” do conflito. Na concepção russa, não há uma guerra em andamento, mas sim uma “operação militar especial”.

regular o acesso de dados à população, filtrando as informações que lhe convém de maneira a justificar suas ações de ataque no território ucraniano.

A cobertura da guerra está ocorrendo em tempo real. Ela é realizada não somente pelos veículos de comunicação em massa, mas também pelos usuários das redes sociais. Facebook, Whatsapp e Youtube foram inundados por fotos, vídeos e depoimentos acerca do conflito. Alguns indivíduos passaram a fazer a “cobertura do evento” como verdadeiros profissionais de imprensa. As informações passaram a circular velozmente, ora verdadeiras, ora infundadas, numa velocidade muito rápida.

A guerra mostrou que, embora a mídia tenha um importante papel de mediadora na divulgação de fatos, ela não é a única fonte de informação disponível. A inserção do indivíduo como produtor de conteúdo é cada vez maior, devido às novas tecnologias e às redes sociais, e com isso a mídia tradicional perdeu o monopólio da informação já que, hoje, qualquer pessoa pode se tornar um produtor de conteúdo. Basta ter um celular com câmera e acesso à internet. Com isso, a liberdade de expressão é cada vez maior, mas também a responsabilidade.

A inserção do indivíduo como produtor de conteúdo é uma tendência que veio para ficar. Cabe a cada um de nós usar essa ferramenta de forma responsável, para que possamos contribuir para um mundo mais informado. Mas para que isso aconteça sem resultados negativos, segundo Ferrari, Ochs e Machado (2020, p. 9) é necessário “compreender a urgência de, em tempos de superabundância de informações, ensinar os jovens a acessarem o ambiente informacional e midiático de forma crítica, entendendo bem a diferença entre fatos e opiniões e descartando desinformações”.

Não foram poucos os vídeos produzidos por habitantes locais para mostrar o panorama do conflito dentro do território ucraniano. Esses vídeos permitiram que a população ocidental pudesse ter conhecimento do que se passava na Ucrânia, sob perspectivas diferentes daquelas mostradas pelos centros de mídias de massa.

Esse panorama vem ao encontro do que Ongaro (2018) aborda em seu livro “Análise crítica das mídias e suas narrativas”, pois os centros de mídia têm agora a concorrência do cidadão comum. Até tempos atrás o sujeito era o receptor das informações produzidas pelos centros de mídias, no entanto, com a digitalização das tecnologias, os receptores passaram a se tornar “produtores” de informações. Por meio

de aparelhos celulares, filmam, fotografam e reproduzem vídeos em tempo real, o indivíduo passou a compartilhar informações e opiniões baseadas em seu ponto de vista, a partir da realidade em que vive. Muitos ucranianos passaram a expor suas opiniões e as maneiras de ver a guerra, a partir de suas vivências, em questões sobre a condução da ajuda humanitária, os ataques das tropas russas, o fluxo migratório entre fronteiras, dentre outros.

Desde o início da web, o conteúdo sempre foi gerado pelos usuários, através de blogs e fóruns, por exemplo. A diferença é que, naquela época, ainda não havia tanta facilidade de acesso às ferramentas de publicação, o que dificultava a divulgação do conteúdo. O movimento de pulverização de informações por meio das mídias sociais dá espaço para a proliferação de notícias falsas que, apesar de parecerem conteúdo jornalístico, não foram submetidas ao devido processo de pesquisa e apuração.

Esse fenômeno ganhou tamanha dimensão que muitos especialistas afirmam viver a era da “pós-verdade”. Esse termo é um neologismo que, segundo o dicionário Oxford (G1, 2016, p. 1), denota as “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Isso significa dizer que, em detrimento dos fatos apurados, as informações produzidas no intuito de distorcer deliberadamente a verdade, tendem a ser aceitas como verdadeiras, influenciando a opinião pública e comportamentos da sociedade.

O fenômeno das *fake news* existe há muito tempo, mas ganhou destaque nos últimos anos por conta da facilidade e da rapidez em que as notícias são disseminadas. Com as redes sociais, qualquer um pode produzir e disseminar conteúdo. Se, por um lado, isso torna a distribuição de informação mais democrática, por outro, faz com que as informações falsas se espalhem mais rapidamente. Para evitar que isso aconteça, é importante que as pessoas sejam mais criteriosas ao compartilhar um conteúdo, verificando se ele procede de uma fonte confiável e se foi submetido ao devido processo de checagem.

Na guerra russo-ucraniana, o compartilhamento de notícias falsas tem sido uma das maneiras de se contar narrativas por parte dos países envolvidos no conflito. Pode-se citar como exemplo o compartilhamento de imagens por usuários do Twitter de uma explosão ocorrida no porto de Beirute, em 4 de agosto de 2020, mas que foi atribuída a

um ataque russo na Ucrânia (Figura 1). Diferentemente da versão que “correu” na rede social, a explosão ocorreu pelo armazenamento inadequado de fertilizantes, não por consequência de bombardeios em reservatórios de gasolina em território ucraniano (Catraca Livre, 2022).

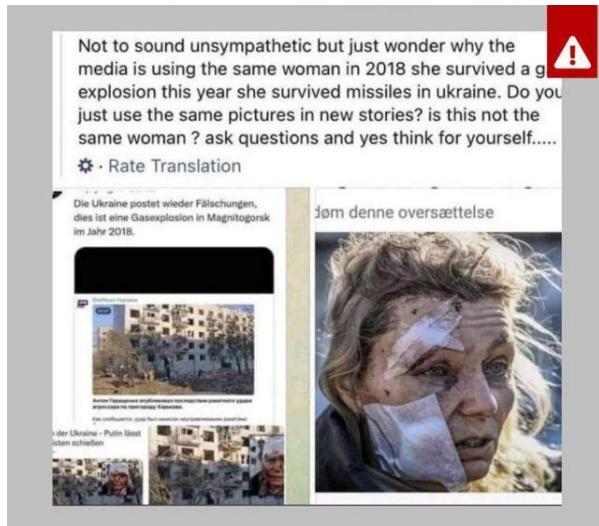
Figura 1 – Manipulação de informações na tentativa de associar um suposto ataque russo em território ucraniano



Fonte: Catraca Livre (2022) a partir de imagens reproduzidas no Twitter.

Em 24 de fevereiro de 2022, imagens da destruição de um prédio na cidade de Chuhuiv (no leste da Ucrânia) foram postadas nas diversas redes sociais (Figura 2). Grupos pró-Rússia passaram a relacionar essas imagens com “teorias da conspiração”, alegando que elas mostravam uma explosão de gás que aconteceu no ano de 2018, na cidade russa de Magnitogorsk. Posteriormente, foi verificado que as cenas eram verdadeiras, que realmente o registro fotográfico foi realizado em 24 de fevereiro e que a explosão foi provocada por tropas russas, resultando no óbito de uma criança e no ferimento de vários moradores do local (Devlin; Sardarizadeh, 2022).

Figura 2 – Manipulação de informações na tentativa de dissociar os danos colaterais de um ataque russo em território ucraniano



Fonte: Devlin e Sardarizadeh (2022).

Em um outro momento do conflito, passou-se a circular nas redes um vídeo borrado com uma garota ucraniana afrontando um soldado russo (Figura 3). Na verdade, a versão original mostra a fotografia de uma menina palestina confrontando um soldado israelense, após seu irmão ser preso em 2012. Apesar do Twitter classificar o vídeo como "fora de contexto", ele continua recebendo visualizações no TikTok (Devlin; Sardarizadeh, 2022).

Figura 3 – Manipulação de informações através de utilização de vídeos antigos sendo atribuídos ao atual litígio russo-ucraniano



Fonte: Devlin e Sardarizadeh (2022).

Uma outra *fake news* mostra os feitos de um suposto herói ucraniano na guerra, trata-se do personagem da aeronáutica conhecido por “Fantasma de Kiev”, que abateria aeronaves russas desde o primeiro dia de guerra. Na verdade, os vídeos dos aviões russos abatidos em voo são imagens de um jogo de videogame (DCS World). Mesmo as cenas sendo reveladas, muitos indivíduos ainda compartilham os vídeos, atribuindo-as ao destemido defensor dos ares (Catraca Livre, 2022).

Exemplos como esses mostram que o ambiente online, ao facilitar a produção e a distribuição de conteúdo, também vem contribuindo para a disseminação de *fake news*. O termo *fake news* abrange duas noções de desinformação: a primeira, remete a quem acredita que uma informação seja verdadeira e por isso a compartilha; a segunda, diz respeito ao compartilhamento intencional de informações inverídicas (Bertoli, 2021). Ambos os tipos contribuem para a confusão informacional, porém as mentiras produzidas deliberadamente com a intenção de enganar, têm sido o meio pelo qual discursos de pós-verdade têm se fortificado ultimamente.

É inegável o papel social das mídias para a manutenção de uma democracia forte e estável, no entanto, isso não significa dizer que elas possam ser utilizadas deliberadamente para manipular, ainda que de maneira velada, aquilo que é veiculado, no intuito de movimentar a massa social e direcioná-la para determinado caminho político, econômico ou ideológico.

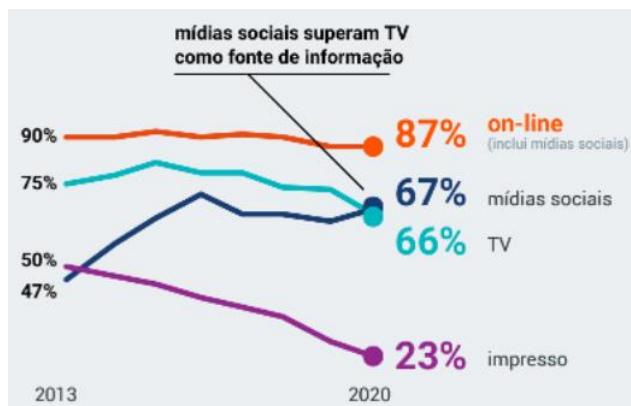
Apesar dos governos tentarem exercer um controle mínimo na disseminação de notícias falsas (através da regulamentação de leis e da execução de processos judiciais), o elo principal para contenção da desinformação continua a ser o próprio ser humano. Nesse panorama, urge a necessidade de alfabetizar a população para o uso das mídias, bem como, despertar a consciência crítica das pessoas por ocasião do compartilhamento de informações.

5 EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E LETRAMENTO MIDIÁTICO

No ano de 2020, o *Reuters Institute for the Study of Journalism* encomendou um estudo para entender como as notícias estão sendo consumidas pela população. Os resultados recolhidos mostram que, pela 1ª vez no Brasil, as redes sociais estão à frente da TV como fonte de informação. Nesse estudo, 67% do grupo amostral afirmou usá-las

para se informar, enquanto 66% citaram a televisão como fonte de informação, conforme pode ser observado na figura 4 (PODER360, 2020).

Figura 4 – Gráfico com a evolução das mídias como fonte de informação para os brasileiros



Fonte: Poder360 (2020) baseado no Reuters Digital News Report.

Para além da educação para as mídias, o conceito de *letramento midiático* assume centralidade, pois envolve o desenvolvimento de competências que capacitam os indivíduos a compreenderem os processos de construção das mensagens midiáticas e, sobretudo, a questioná-las. Segundo Ferrari, Ochs e Machado (2020), o letramento midiático deve ser entendido como uma extensão dos conceitos de letramento tradicional, sendo aplicado ao ambiente informational contemporâneo. Enquanto o letramento diz respeito à habilidade de ler e escrever no sentido clássico, o letramento midiático amplia esse conceito para incluir a leitura crítica dos meios de comunicação, das plataformas digitais, dos algoritmos e das dinâmicas de circulação de conteúdos (Soares, 2002).

De acordo com Barbosa (2021), o letramento midiático é uma competência indispensável no enfrentamento dos desafios da desinformação, uma vez que capacita os indivíduos a compreenderem os processos de construção das mensagens midiáticas, seus interesses, estratégias e impactos sociais. Além disso, permite desenvolver uma postura crítica frente às narrativas construídas por mídias tradicionais, redes sociais, algoritmos e influenciadores digitais.



No mesmo sentido, Ferrari, Ochs e Machado (2020) destacam que o letramento midiático não se limita à capacidade de consumir informações, mas envolve reconhecer a diferença entre fato e opinião, compreender os contextos de produção da informação, verificar fontes, analisar dados e avaliar a credibilidade dos conteúdos. Assim, torna-se uma ferramenta essencial para que os cidadãos possam exercer sua cidadania de forma plena em sociedades cada vez mais midiatisadas e conectadas.

Autores como Hobbs (2010) e Potter (2018) reforçam que o letramento midiático deve ser entendido como uma prática educativa crítica, que visa empoderar as pessoas para entenderem como as mídias moldam percepções, influenciam decisões e impactam as estruturas sociais. Segundo esses autores, trata-se de uma competência essencial para a vida democrática, especialmente em contextos de guerras de narrativas, *fake news* e manipulação informacional, como se observa no conflito russo-ucraniano.

Essa nova realidade traz um novo olhar sobre o papel das mídias sociais, como fonte de informação para o cidadão brasileiro. Da mesma maneira, uma série de preocupações recaem sobre o uso dessas informações compartilhadas pelas redes, muitas vezes, disseminadas sem filtros e sem a checagem das fontes. Nesse panorama, faz-se necessário um mínimo de letramento jornalístico-midiático, possibilitando que o cidadão possa desenvolver habilidades para avaliar a credibilidade da informação.

Pensando nestas questões, o Portal Árvore (s.d., p.8) elaborou um material que trata do letramento midiático e discorre com profundidade acerca do combate às fakes news. Nesse contexto, para evitar as armadilhas das notícias falsas, é necessário que os indivíduos aprendam a:

- Ler as matérias na íntegra, indo além da manchete.
- Reconhecer a diferença entre jornalismo e outros tipos de informação, assim como a diferença entre jornalistas e outros produtores de informação.
- Separar notícia de opinião dentro do contexto jornalístico.
- Analisar as diferenças entre afirmação e verificação, entre evidência e inferência dentro de uma notícia.
- Avaliar e desconstruir dados reportados baseados na qualidade da evidência apresentada e na confiabilidade das fontes, para entender e aplicar esses princípios em todas as plataformas de notícias.
- Analisar o contexto em que os dados foram inseridos.

Com a consolidação desses conhecimentos fica mais fácil identificar se uma notícia compartilhada é verdadeira ou falsa. Uma maneira simples de se fazer isso é

realizando as seguintes perguntas: O que é falado além da manchete? É mesmo uma notícia? Quem é o autor? Outros sites estão noticiando o mesmo fato? O conteúdo apresenta dados concretos e objetivos? O conteúdo está repleto de expressões subjetivas, como “provavelmente”, “é possível”, “acredita-se”? O texto apresenta dados concretos? Esses dados estão corretos? Essas informações juntas fazem sentido? (Portal Árvore, s.d.)

É essencial que o leitor acesse a notícia completa e não leia apenas a manchete publicada nas redes sociais, até porque a mensagem que foi noticiada no post pode ser alterada, dando outro sentido a um conteúdo real. Depois de identificar se um conteúdo informativo é mesmo uma notícia, é importante verificar qual veículo está fazendo a divulgação e quem é o autor. É o momento de analisar o quanto é possível confiar no interlocutor

Com a velocidade da rede, o chamado “furo de reportagem¹⁰” fica cada vez mais raro. Por isso, uma notícia rapidamente passa a ter atenção e a ser publicada por vários veículos. Não encontrar uma determinada notícia em nenhum outro veículo pode ser um forte indício de fake news. Da mesma forma, é preciso averiguar se os dados usados estão contextualizados na matéria. Depois de checar todos os dados, é preciso analisar se a notícia faz sentido, se as informações estão organizadas de maneira coerente e se um fato não foi usado para justificar uma manchete ou um trecho desconexo.

A utilização dos filtros elencados nos parágrafos anteriores são rotinas que devem ser internalizadas pelo indivíduo, em um contexto do letramento midiático. O futuro que se descontina requer o desenvolvimento dessas habilidades nos cidadãos, pois, as *fakes news* sempre existiram na história e, ao que tudo indica, continuarão a existir. Mais do que nunca se faz necessário que o cidadão tenha um olhar crítico ao ler e compartilhar uma notícia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que as tensões russo-ucranianas são pautadas em questões intrinsecamente ligadas às identidades nacionais. A Ucrânia está muito imbricada com a Rússia e se constitui em um ponto estratégico para russos e europeus.

¹⁰ Expressão usada por jornalistas para se referir a um fato muito relevante noticiado em primeira mão.

Além dos confrontos em terra, a guerra de narrativas está sendo travada pelos contendores. A Rússia se utiliza de discursos nacionalistas, históricos e identitários para preservação de sua zona de influência no território ucraniano, que vêm desde os primórdios da antiga URSS.

Tanto russos, quanto ucranianos, se valeram da disseminação de notícias falsas para construir uma narrativa que favorecesse suas estratégias. O problema é que a desinformação se alastra em grande velocidade nas mídias sociais, dificultando o julgamento do receptor da mensagem quanto à veracidade dos fatos.

Nesse cenário, nunca se fez tão necessário um olhar crítico dos indivíduos acerca da leitura e do compartilhamento das informações. Desse modo, o letramento midiático ganha destaque na atualidade por possibilitar o desenvolvimento de habilidades nos cidadãos para melhor lidar com a enxurrada de informações falsas disseminadas no mundo contemporâneo.

A guerra ainda não acabou, mas é provável que as *fakes news* continuem a fazer parte do cotidiano. Ao chegar ao final desse estudo, espera-se ter respondido à questão inicial do trabalho: Quais as reais intenções dos russos e ucranianos em promover uma guerra de (des)informação nas mídias sociais? Por derradeiro, acredita-se que o assunto não está esgotado, dessa forma, aponta-se para a necessidade de realização de novas pesquisas, considerando as lacunas existentes.

A desinformação é um problema grave que afeta a sociedade de diversas formas. É importante que as pessoas se informem de forma correta sobre o que está acontecendo ao seu redor para evitar serem enganadas pelas *fake news*. Nesse contexto, reforçamos a necessidade de políticas públicas voltadas para a educação midiática nas escolas, assim como de ações educativas para a sociedade civil. Além disso, sugerimos que futuras pesquisas possam explorar como o letramento midiático impacta diferentes grupos sociais, como jovens, adultos e idosos, no enfrentamento da desinformação em tempos de conflito.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. H. B. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida.** Tese (Doutorado em Estudos Marítimos) - Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, 110 p. 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/nqrSY](https://tinyurl.com/nqrSY) Acesso em: 6 mai. 2022.

BERTOLI, J. M. Pós-verdade e democracia em uma sociedade hiperconectada. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Alfenas.

Varginha, 97 p. 2021. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/1794>. Acesso em: 9 mai. 2022.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CASTRO, R. A. A. O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina. TCC (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 60 p. 2018. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4135/1/MO%206017%20-%20ALEX.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2022.

CATRACA LIVRE. 5 fake news bizarras sobre a guerra da Ucrânia. Catraca Livre, 16. mar. 2022. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/fake-news-guerra-ucrania/>. Acesso em: 9 mai. 2022.

DEVLIN, K; SARDARIZADEH, S. Invasão da Ucrânia: as notícias falsas sobre a guerra que continuam a viralizar. BBC News Brasil, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-60591479>. Acesso em: 7 mai. 2022.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. Guia da Educação Midiática. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FOLHAPRESS. Rússia proíbe mídia independente chamar guerra na Ucrânia de guerra. NSC Total, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/russia-proibe-midia-independente-chamar-guerra-na-ucrania-de-guerra>. Acesso em: 5 mai. 2022.

GALVANI, G. Entenda a Guerra da Ucrânia em 10 pontos. CNN Brasil, 25 MAR. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-da-ucrania-em-10-pontos/>. Acesso em: 8 mai. 2022.

GUITARRARA, P. Tensão entre Rússia e Ucrânia. Brasil Escola, 3. fev. 2022. Disponível em: <https://vestibular.brasilescola.uol.com.br/atualidades/tensao-entre-russia-e-ucrania.htm>. Acesso em: 4 mai. 2022.

G1. Como o reconhecimento russo de áreas separatistas na Ucrânia pode inflamar ainda mais a crise na região. 21 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/21/como-o-reconhecimento-russo-de-areas-separatistas-na-ucrania-pode-inflamar-ainda-mais-a-crise-na-regiao.ghtml>. Acesso em 25 jun. 2022.

G1. 'Pós-verdade' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. 16 nov. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>. Acesso em: 8 mai. 2022.

HOBBS, Renee. *Digital and media literacy: connecting culture and classroom*. Thousand Oaks, CA: Corwin, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ONGARO, V. **Análise crítica das mídias e suas narrativas**. Curitiba: InterSaber, 2018.

PODER360. **Pela 1^a vez, rede social é mais citada que TV como fonte de notícia no Brasil**. Poder360, 16. jun. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/pela-1a-vez-rede-social-e-mais-citada-que-tv-como-fonte-de-noticia-no-brasil/>. Acesso em: 7 mai. 2022.

PORTAL ÁRVORE. **Letramento midiático e as fake news**. Portal Árvore. Disponível em: <https://www.arvore.com.br/recursos/materiais>. Acesso em: 3 mar. 2022.

POTTER, W. James. *Media literacy*. 9. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2018.

PUCRS. **Rússia e Ucrânia: pesquisadores da PUCRS analisam o conflito**. 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Original recebido em: 12 de julho de 2022

Aceito para publicação em: 01 de setembro de 2024

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana - UFN

Eliane Aparecida Galvão dos Santos

Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

Valéria Iensen Bortoluzzi

Doutora. Professora do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.

Taís Steffenello Ghisleni

Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhamento 4.0 Internacional